

POLIFONIA	CUIABÁ	EdUFMT	V. 12	N. 2	p. 73-89	2006	ISSN 0104-687X
-----------	--------	--------	-------	------	----------	------	----------------

PROLEGÔMENOS AO ESTUDO DO ACENTO EM PORTUGUÊS

Hildo Honório do Couto*

RESUMO: O objetivo deste artigo é expor criticamente algumas das principais tendências, supostamente universais, que subjazem à dinâmica do acento em português. Será mostrado também que apenas a paroxitonidade e a oxitonidade podem ser explicadas, pelo menos tendencialmente, com critérios exclusivamente fonético-fonológicos. Quanto à proparoxitonidade, o máximo que se pode é mostrar que configurações silábico-vocabulares NÃO podem ser proparoxítonas. Usando critérios morfológicos, é possível prever que palavras que terminarem em determinados sufixos SÃO proparoxítonas. Defende-se a tese de que o falante não distingue verbos de não-verbos.

PALAVRAS-CHAVE: Acento. Universais. Fonologia. Morfologia.

PROLEGOMENA TO THE STUDY OF STRESS IN PORTUGUESE

ABSTRACT: The purpose of this article is to critically discuss some supposedly universal tendencies underlying the stress pattern of Portuguese. It will also be shown that only paroxytones and oxytones can be partly explained by phonological arguments. As to proparoxytones, the most that can be predicted is that some pre-accented suffixes, mainly of Latin and Greek origin, make the word proparoxytone. Finally, I defend the thesis that there is no

* Hildo Honório do Couto é professor no Programa de Pós-Graduação em Lingüística da UnB.

need of splitting words in nouns and non-nouns as some treatments of stress have done.

KEYWORDS: Stress. Universals. Phonology. Morphology.

Introdução

A despeito do título um tanto pomposo, o objetivo deste artigo é bastante modesto, uma vez que não se trata de uma análise do acento dentro de um modelo teórico específico, o que não implica que a formalização não seja de suma importância. Pelo contrário, ele visa simplesmente a expor algumas tendências subjacentes à dinâmica do acento em português, independentemente de modelos teóricos. Trata-se de tendências das quais os falantes têm conhecimento intuitivamente. Se são manifestação de intuições, devem ser levadas em conta. Por isso, a palavra "prolegômenos" do título deve ser tomada em sentido etimológico, de "coisas que se dizem antes". São fatos que nenhum tratamento formal do acento português pode ignorar. Na verdade, este ensaio nasceu de uma insatisfação com alguns tratamentos formais que, freqüentemente, ignoram algumas dessas intuições em prol do formalismo da teoria.

Os estudos sobre o acento em português podem ser divididos em pré-estruturalistas e estruturalistas. Os primeiros eram freqüentemente impressionísticos, às vezes até mesmo confundindo acento com acentuação gráfica, que é mera matéria de legislação, quando não de decreto-lei. Os do período do estruturalismo, sobretudo os da vertente gerativa, são mais precisos. No entanto, alguns deles deixam a desejar no que tange a alguns princípios aqui discutidos. Por exemplo, há interpretações que dividem nomes de não-nomes; outras lançam mão de recursos como extrametricidade. Ora, isso vai contra a intuição do falante. Para este, palavras como "cantássemos", "cantáramos" e "cantáramos" são proparoxítonas não por serem verbos. Elas são proparoxítonas porque são proparoxítonas, porque a comunidade de falantes não conseguiu encaixá-las nos padrões acentuais preferidos, nem de primeiro nem de segundo grau. Do mesmo modo, "anátema", "prolegômenos" e "páramo" são

proparoxítonos independentemente de serem substantivos. Tanto que o plural da última palavra (páramos) tem a mesma configuração segmental e silábica de "cantáramos", pelo menos na parte que interessa ao acento. Para os fins aqui colimados, no estudo do acento o mais importante seria encontrar generalizações, tendências, sem levar em conta se a palavra é verbo ou não.

O mesmo tipo de argumento se aplica aos outros dois padrões acentuais, a paroxitonidade e a oxitonidade. Assim, as formas "amamos", "vendemos" e "partimos" são paroxítonas não por serem verbos, mas porque não contêm nada que impeça a seqüência de sílabas de ser paroxítona. É o padrão acentual não-marcado, ótimo do português, como veremos detalhadamente mais abaixo. Não havendo nada em contrário, é esse padrão que ocorre. Pelos mesmos motivos, "açamo", "blasfemo" e "arrimo" são paroxítonos, com ou sem a presença de um -s de plural, que, como veremos, no final da palavra não afeta as regras de acentuação. Por fim, "cantará", "venderá" e "partirá" são oxítonas pelos mesmos motivos que "alvará", "guzerá" e "andirá" o são. Do ponto de vista sincrônico, essas palavras são oxítonas porque não puderam entrar no padrão menos marcado, portanto, entraram no segundo menos marcado. Quanto ao padrão proparoxítono, só entram nele o restante de palavras que não conseguiram entrar nos dois primeiros.

Deve ser observado que toda a problemática aqui discutida se deve ao fato de o português ser uma língua de acento livre, não de acento fixo. O acento é fixo quando ocorre sempre na mesma posição do vocábulo. É o caso do croata, em que ele recai sempre na primeira sílaba, independentemente do número de sílabas da palavra, como em "závod" (empresa), "stúdentka" (estudante, fem.). Em francês, o acento recai sempre na última sílaba, fato de que os empréstimos em português já dão testemunho. Vejam-se, por exemplo, "buffet", "souflé", "carnet" e outros. Quando um francês se defronta com palavras estrangeiras como "Copacabana", pronuncia sempre [kopakaba'na]. Nas duas línguas, a posição do acento é previsível, por ser fixa. Diz-se que o acento é livre quando não se pode prever em que posição ocorrerá. Em português, ele pode estar na penúltima (paroxítono), na

última (oxítono) ou na antepenúltima (proparoxítono) sílaba do vocábulo. Como se pode ver na seqüência de sílabas /sa.bi.a/, é impossível prever se se trata de "sábua", de "sabia" ou de "sabiá", apenas com dados fonológicos.

Quando se fala em "acento livre", o leigo poderia ser levado a pensar que o falante é livre para pô-lo onde lhe aprouver, que não há regras para sua ocorrência na penúltima, na última ou na antepenúltima sílaba. Não é bem isso que acontece, porém. Como veremos na discussão mais abaixo, sobretudo os dois primeiros padrões acentuais obedecem a uma série de restrições. Em alguns casos é possível prever, pelo menos tendencialmente, se o acento recairá sobre a penúltima ou sobre a última sílaba, mediante critérios estritamente fonológicos, apenas pela configuração estrutural das sílabas que compõem a palavra.

Conceitos iniciais

Os princípios iniciais de localização do acento na palavra obedecem a tendência exposta em (1).

(1)

- (a) não havendo nada contra (se a última sílaba não for pesada), coloque-se o acento na penúltima sílaba (paroxitonidade);
- (b) se isso não for possível, que seja na última (oxitonidade);
- (c) só em última instância, ele pode ser colocado na antepenúltima, ou seja, só quando se esgotarem as duas primeiras possibilidades (proparoxitonidade).

Para que isso se dê, pelo menos a última sílaba tem que ser leve, ou seja, tem que terminar em vogal simples (CV, V). Se ela tiver coda e/ou núcleo ramificado (ditongo), será pesada e o acento tende a recair sobre ela, como em (2b).

(2)

- (a) ca.sa(s), fa.la.va(s), fato(s), bule(s)
- (b) cor.tar, por.tal, to.tal, ir.mãos, assim, também,
- (c) cál.cu.lo(s), crá.pu.la(s), he.li.cóp.te.ro(s), árabe(s)

Nota-se que a presença ou não de um /s/ final não afeta o acento. Se a palavra já é paroxítona, como todas as de (2a), continua paroxítona com o acréscimo do /-s/. Se ela é oxítona, como as de (6), continua oxítona, independentemente de ser nome ou verbo. Até as proparoxítonas continuam como tal quando se lhes acrescenta o /-s/, como se vê nos exemplos de (2c).

Algumas tendências do acento em português

As tendências vistas em (1) para os três padrões acentuais do português precisam ser desdobradas. Com efeito, no interior de cada padrão acentual (paroxitonidade, oxitonidade e proparoxitonidade), existem tendências próprias. Começemos pela paroxitonidade. A primeira regra que determina se uma configuração silábico-vocabular é paroxítona é a de (3), que é a primeira do padrão paroxítono não-marcado e, conseqüentemente, do padrão não-marcado do acento português em geral. É o caso das palavras de (2a), independentemente de serem verbos ou não.

(3) Se pelo menos a sílaba final for leve, o acento será na penúltima sílaba

Se isso não ocorrer, ou seja, se a palavra for paroxítona mesmo tendo a última sílaba pesada, tratar-se-á da opção marcada desse padrão acentual, que precisa ser decorada, ou seja, tem que ser marcada no léxico, como nas palavras de (4) abaixo.

(4) már.tir, útil, i.tem, itens, só.tão, cantam, ímã, cáften

Esses exemplos constituem uma restrição que se aplica no interior da oxitonidade, que é o acento que as palavras de (4) deveriam ter. O acento (não-marcado) dessas palavras deveria ser na última sílaba, como nos exemplos de (2b). Esses exemplos constituem uma forma marcada da paroxitonidade.

A segunda tendência fundamental do acento em português é a que se vê formulada em (5).

(5) Se a última sílaba for pesada, o acento recai sobre ela

Todas as palavras de (2b) exemplificam a tendência expressa em (5). Uma implicação dessa tendência é a de que se não se aplicar, tratar-se-á de paroxítonidade marcada, como nas palavras de (4). Mas, há palavras oxítonas que não têm sílaba final pesada, pelo menos com o peso silábico que se vê em (2b). Em (6) temos alguns exemplos.

(6) ca.rá(s), se.rá(s), vo.cê(s), ca.fê(s), par.ti(s), a.vó(s), a.vô(s), ta.tu(s)

Nos exemplos de (6), aparentemente não há nada após o núcleo vocálico da última sílaba que a faça pesada, o que significa que as palavras deveriam ser paroxítonas, em obediência à tendência geral exposta em (3), embora se possam apresentar objeções à interpretação de que essas palavras terminam em sílaba leve. A primeira objeção foi formulada por Bisol (1994, p. 29-32). De acordo com essa autora, na estrutura fonológica subjacente dessas palavras haveria uma consoante alveolar ou coronal (/s, z, t, d, l, n/), o que configuraria uma sílaba pesada. Com isso, a forma fonológica subjacente de "cará", "avó", "avô" e "tatu" seria algo como /ka'raz/, /a'vɔz/, /a'voz/ e /ta'tuz/. A evidência em prol dessa interpretação seria o fato de a coronal emergir quando se tem um derivado, como "carazinho/carazal", "avozinho" e "tatu^zinho". Eu sugeri uma justificativa mais fonética, ou seja, a de que as vogais finais de (6) seriam mais tensas que as demais da mesma palavra, o que significa que teriam algo a mais depois da vogal básica do núcleo. Esse algo mais poderia ser um segundo momento da própria vogal (o que configuraria uma vogal longa) ou outra coisa (COUTO, 1997^a, p. 75-76). Nas duas interpretações, na de Bisol e na minha, a oxítonidade de (6) se enquadraria na regra geral desse padrão acentual, formulada em (5).

Como essas duas interpretações ainda não são consensuais, vou considerar que a vogal final das palavras de (6) é simples, o que implica que a sílaba que a contém é leve, ou seja, trata-se de uma situação que deveria levar à paroxítonidade. Por

esses motivos, a oxitonidade dessas palavras é a opção marcada da oxitonidade. A forma não-marcada é a expressa na restrição (5).

Uma outra alternativa talvez seja a de que as vogais médias abertas /ε/ e /ɔ/ em sílaba final atraiam o acento sobre si. Isso aconteceria até mesmo em outras posições, tanto que elas só contrastam com as médias fechadas respectivas em sílaba tônica. Dito de outro modo, talvez devêssemos acrescentar a regra de que "Se a vogal da última sílaba for /ε, ɔ/, a palavra será oxítona". Formas como *['ele] e *['karɔ] são agramaticais. Por outro lado, pode tratar-se da história do ovo e da galinha: o vocábulo é oxítono porque termina em /ε, ɔ/ ou termina em /ε, ɔ/ porque é oxítono? Além do mais, todas as vogais finais de (6) são diferentes (mais tensas, plenas) do que as correspondentes átonas, que ocorrem em ['karə] (cara), ['kõmɪ] (come) e ['tatu] (tato), por exemplo. Nesse caso, /ε/ e /ɔ/ tônicos finais não constituiriam um padrão excepcional, marcado. Qual é a direção da causalidade, se é que há causalidade?

O caso extremamente marcado da proparoxitonidade

Passemos aos proparoxítonos. Nesse padrão, não há formas não-marcadas propriamente ditas, não há uma forma proparoxítônica ótima. Não se pode prever se um vocábulo tem esse padrão acentual apenas com critérios fonético-fonológicos. Não é possível explicar por esses critérios porque, por exemplo, "chávena" e "chácara" são proparoxítonos. O que se pode fazer mediante o uso desses critérios é apontar configurações silábico-vocabulares que NÃO podem ser proparoxítonas. Seguindo sugestões de Silva (1996), eu tentei demonstrar porque configurações silábico-vocabulares como as de (7) NÃO podem ocorrer como proparoxítonas (COUTO, 1997a, p. 127-138). As formas da segunda coluna são as que ocorrem, e estão dentro da tendência geral da paroxitonidade. A única exceção que encontrei

à agramaticalidade de (7b) é a palavra "cônjuge". Confesso que, no momento, não tenho explicação para esse fato.

- (7)
- | | |
|---------------------|----------------------------------|
| (a) *á.ga.cha | (a') agacha (v. "agachar") |
| (b) *dê.se.ja | (b') deseja (v. "desejar") |
| (c) *á.gu.lha | (c') agulha |
| (d) *cá.ri.nho | (d') carinho |
| (e) *pa.rá.gua.ia | (e') paraguaia |
| (f) *A.na.nín.de.ua | (f') Ananindeua (cidade do Pará) |
| (g) *ci.gar.ro | (g') cigarro |

A explicação para o fato de haver razões fonético-fonológicas para as palavras de (7a-g) NÃO poderem ser proparoxítonas é muito técnica, pois pressupõe representações subjacentes bastante abstratas e o jogo de regras também complicadas, porém, perfeitamente justificáveis. É o que tentei fazer no texto recém-mencionado. Grosso modo, a explicação se resume no fato de que, subjacentemente, a penúltima sílaba é pesada, com o que poderíamos formular a regra (8) para a NÃO-ocorrência de proparoxítonas.

(8) Quando a penúltima sílaba for pesada, a palavra NÃO pode ser proparoxítona.

Exemplos menos complexos (em que a coda está explícita) que comprovam a regra (8) existem em profusão na língua portuguesa. Em (9) eu apresento uns poucos entre inúmeros outros. De novo, as formas da primeira coluna são as que NÃO ocorrem, ao passo que as da direita estão dentro do padrão acentual não-marcado da paroxitonidade, devido ao fato de a última sílaba ser leve.

- (9)
- | | |
|-----------------|---------------|
| (a) *cá.bres.to | (a') cabresto |
| (b) *á.ber.to | (b') aberto |
| (c) *côn.sul.ta | (c') consulta |
| (d) *rá.pin.do | (d') rápido |

- | | |
|--------------------|---------------------|
| (e) *cá.gai.ta | (e) cagaita (fruta) |
| (f) *a.e.ró.nau.ta | (f) aeronauta |

Nos exemplos de (9), fica bem claro porque a penúltima sílaba é pesada, em conformidade com o que foi dito acima. De (9a) a (9d), há uma consoante na coda; em (9e) e (9f) há uma segunda vogal no núcleo, configurando um ditongo. É interessante notar que o fonema /s/ como coda de penúltima sílaba (9a) afeta o acento, contrariamente ao que acontece quando ele ocorre em final de palavra.

A propósito da regra (8), é interessante notar que ela já existia no latim. Nessa língua existe uma regra que afirma que quando a penúltima sílaba é longa (no nosso caso, pesada), o acento recai sobre ela própria. Se a penúltima sílaba for breve (no nosso caso, leve), o acento deve ir para a sílaba que a antecede. Como se vê, a segunda parte dessa regra mostra que no latim existia pelo menos uma regra fonético-fonológica que previa a proparoxítonidade. Mas, essa regra não foi herdada pelo português. Isso seria mais uma razão para a repugnância dessa língua pelos proparoxítonos. Até parece que eles seriam todos termos cultos pinçados diretamente do latim depois que a língua já estava formada por via popular. Isso pode ser confirmado olhando-se para as palavras de (12).

Há um último caso em que se pode prever que a palavra NÃO pode ser proparoxítona. Trata-se da restrição expressa em (10).

(10) Quando a última sílaba for pesada, a palavra NÃO pode ser proparoxítona.

A motivação para a restrição (10) está na existência do princípio (5), que é sua contraparte não-marcada. Este último diz que, se a última sílaba for pesada, a palavra deve ser preferencialmente (de modo não-marcado) oxítona. Em segundo lugar, que seja pelo menos a forma paroxítona marcada, como nos exemplos de (4). Em (11a-c) temos algumas configurações que NÃO podem ser proparoxítonas, ou seja, que são agramaticais, em conformidade com (10). Em (11a'-c'), temos formas que não estão

dentro do padrão ideal de (5), que exige que sejam oxítonas. No entanto, são a opção marcada da paroxitonidade. Equivalentes não-marcados como exigido por (5) seriam as formas de (11a"-c").

(11)		
(a) *ár.ma.zem	(a') ar.má.ssem	(a") ar.ma.zém
(b) *í.mo.vel	(b') a.rrá.tel	(b") ca.rre.tél
(c) *cá.da.ver	(c') ca.dá.ver	(c") pa.re.cêr

Três observações sobre os exemplos de (11) se fazem necessárias. A primeira é de que a presença de coda na antepenúltima sílaba de (11a-a") não altera sua gramaticalidade/agramaticalidade. Do ponto de vista da gramática fonológica do português, se as formas fossem "*á.ma.zem", "a.má.ssem" e "*a.ma.zém", respectivamente, isso não alteraria o quadro. A segunda observação é a de que há exceções à restrição que produziria as formas da primeira coluna, a mais conhecida delas é a palavra "ínterim". Além dela, poderíamos acrescentar "assíndeton", "botânicon" e mais uma pequena quantidade de termos semelhantes. Como se vê, trata-se de empréstimos relativamente recentes, freqüentemente do grego ou do latim. A única dessas palavras que não é termo técnico é "ínterim", que é do tipo (11a). Mas, deve-se observar que ela só é pronunciada como "ínterim" por pessoas que têm alguma noção de sua pronúncia original. Como todo empréstimo, quer seja termo técnico quer não, esse tipo de palavras representa um corpo estranho na gramática da língua receptora. Elas trouxeram consigo a compleição fonológica que tinham na língua original. Tanto que a gramática normativa nos diz que o plural dessas formas é "assindétones" e "botanicones", provavelmente para evitar acento na quartúltima sílaba. Porém, há a forma alternativa "assíndetons" e "botânicons".

Se pedíssemos a falantes normais de português que pronunciassem formas sem sentido como "calabon", "camalar" e "mardafal", com certeza eles diriam [ama'tõ], [kama'lar] e [marda'faw], respectivamente. Isso estaria em conformidade com o princípio (5). Se lhes disséssemos que a pronúncia não é essa, provavelmente diriam [a'matõ], [ka'malar] e [mar'dafaw], que é a

segunda opção para o caso de sílabas finais pesadas, logo, um tanto mais marcada, como os exemplos de (4). Dificilmente os falantes diriam ['kalabō], ['kamalar] e ['mardafaw]. Provavelmente eles só produziram a última pronúncia e continuariam a usá-la se estivessem acostumados a lidar com termos técnicos de proveniência estrangeira, como os mencionados no parágrafo anterior.

Como vimos, não é possível prever, com critérios puramente fonético-fonológicos, se uma forma deve ser proparoxítona. Isso só é possível se lançarmos mão de critérios morfológicos. Alguns sufixos herdados do latim, bem como algumas formas gregas que freqüentemente funcionam como sufixos, são pré-acentuados, com o que qualquer derivado em que aparecerem será proparoxítono. Em (12a) temos exemplos de alguns desses sufixos. Em (12b), temos exemplos de palavras em que eles entram.

(12)

(a) 'ulo, 'ico, 'fero, 'fugo, 'voro, 'geno, 'dromo, 'fobo, etc.

(b) corpúsculo, módulo, gotícula; aromático, seráfico; sonífero, aurífero; centrífugo, vermífugo; carnívoro, herbívoro; cancerígeno; hipódromo, aeródromo; xenófobo, zoófobo, etc.

Alguns desses "sufixos" não eram produtivos em português, mas estão adquirindo produtividade paulatinamente, como é o caso de 'dromo, que já deu lugar a formações como "sambódromo", "fumódromo" e até "fofocódromo". Embora muitos deles não tenham sido sufixos na língua de origem, o fato é que no português atual eles funcionam como tal. Diante dessa lista de sufixos, poder-se-ia formular a regra (13).

(13) Palavras terminadas por sufixos da classe (12) são proparoxítonas.

Isso é o máximo que se pode prever em termos de proparoxítonidade. Só que ao custo de ter que marcar no léxico todos os itens da lista. Mas, não deixa de ser um tipo de regularidade, por mais fraca que ela seja.

Sabemos que as palavras portuguesas só podem receber acento na penúltima, na última ou na antepenúltima sílaba. No entanto, em alguns termos técnicos e/ou recentes tomados de empréstimo de outras línguas, pode haver, excepcionalmente, acento na quartúltima sílaba, ou seja, antes da antepenúltima. Isso ocorre sobretudo para evitar grupos consonantais inadmissíveis pela fonotática portuguesa, como os que se vêem nas palavras de (14), em que a divisão silábica original está indicada. Para discussão de casos como esses, pode-se consultar Couto (1997a, p. 117-126), em que as codas problemáticas foram consideradas como extrassilábicas.

(14) téc.ni.co, he.li.cóp.te.ro, áp.te.ro

Independentemente da acentuação proparoxítona, as palavras de (14) são problemáticas na língua portuguesa, uma vez que, em sua forma original, teriam consoantes oclusivas como coda, ou seja, /k/ e /p/, sendo que as únicas consoantes que podem ocorrer nessa posição em português são /r/, /s/, /l/ e /n/. A estratégia de que os falantes se valem para contornar essa situação é, em algumas variedades e/ou registros da língua, inserir um [i] epentético após a coda problemática, com o qual ela passa a constituir uma sílaba CV. Mas, isso tem um custo. Como a palavra já era proparoxítona, passa a ser pro-proparoxítona, com acento na quartúltima sílaba, como representado em (15), como já adiantei em Couto (1997a, p. 136).

(15) /'tɛ.ki.ni.ku/, /e.li.'kɔ.pi.te.ru/, /'a.pi.te.ru/

Trata-se, porém, de um pequeno resíduo de formas, que se localizam no extremo da periferia marcada da gramática fonológica do português. É uma maneira de assimilar estruturas estranhas à língua. Portanto, ocorrem mais em falantes cultos, como filólogos e gramáticos. Tanto que em algumas variedades populares e/ou rurais, formas como essas podem se proparoxitonizar e paroxitonizar, como se vê em (16). Há formas alternativas, como veremos mais abaixo.

(16) ['tɛ.ni.ku], [e.li.'kɔ.pu], ['a.pi.tu]

A proparoxitonidade é tão mal-vinda na língua que as variedades coloquiais, populares e rurais têm uma estratégia para evitá-la. Trata-se da conhecida regra de queda da vogal postônica. Palavras como as de (17a) geralmente são realizadas como as equivalentes de (17b).

(17)

(a) a.bó.bo.ra, xí.ca.ra, córrego, A.ná.po.lis

(b) a.bo.bra, xi.cra, cor.go, A.na.pis (mediante a forma intermediária [a.na.plis])

Essa tendência vem do próprio latim. No documento *Appendix Probi*, já se faziam correções, dizendo que formas do tipo (b) eram "erradas" e que o "certo" eram as do tipo (a). Em (18) temos alguns desses exemplos latinos, em que a formulação original é um pouco diferente da que é apresentada aqui. Mas, o resultado é o mesmo.

(18)

(a) speculum non speclum

(b) masculus non masclus

(c) oculus non oclus

Aliás, é justamente das formas tidas como "erradas" por Probo que provieram muitas palavras portuguesas. De "speclum" veio "espelho", de "masclus" veio "macho" e de "oclus" veio "olho". A tendência à paroxitonidade já se manifestava no latim tardio.

Proparoxitonidade *versus* sílaba ótima

Gostaria de retomar a repugnância da língua portuguesa pelo padrão proparoxítono. Na verdade, as formas de (16) e a última de (17b) freqüentemente apresentam pelo menos mais uma variante nas variedades rurais e populares do português. Nessas

variedades, é comum serem pronunciadas como se vê em (19), em transcrição fonética aproximada.

(19) ['tɛnku]/['tɛnk], [e.li.'kɔp], [a.'naps] (Anápolis)

De modo aparentemente surpreendente, essas formas apresentam padrões silábicos mais complexos do que a forma não alterada, uma vez que contêm na coda consoantes oclusivas, e até grupos consonantais. Ao que tudo indica, a língua popular assumiu esse ônus a fim de evitar proparoxítonas. Poder-se-ia alegar que, na verdade, o português não é uma língua de ritmo silábico, como o espanhol, e que a grafia estaria muito longe de representar a verdade dos fatos. Tal alegação se confirmaria na tendência de omitir vogais e até sílabas inteiras no final da palavra. Isso ocorre mesmo em palavras como "táxi" que, em consonância com o padrão de (15), deveria ser pronunciada como ['ta.ki.si], ou seja, uma proparoxítona. Efetivamente, em algumas variedades da língua essa palavra é pronunciada assim, mas em outras, sobretudo em registros mais rápidos e/ou populares, ocorrem pronúncias como ['taks]. É bem provável que a evolução tenha sido algo como ['ta.ki.si] > ['ta.kis] > ['taks]. Tanto que, nos mesmos registros, "dentes" e "lápiz", por exemplo, são realizados como [dɛ̃ts] e [laps], respectivamente. A tendência é a mesma que atua nas palavras de (20) abaixo.

Em um ensaio inédito, incompleto e não terminado (COUTO, 1997b), eu iniciei uma discussão sobre a ocorrência de formas como as de (19). Os exemplos específicos que levei em consideração na época foram os de (20).

(20) ['kôm.du] 'cômodo' (da casa), [ki.'lôm.tru] 'quilômetro' e ['beb.du] 'bebado'

Minha intenção na época era analisar esses exemplos no contexto da teoria da otimalidade (Optimality Theory), que enfatiza conflitos entre restrições e princípios, que é o de que se trata aqui. Minha tese era a de que, entre violar o princípio da sílaba ótima (CV) ou o princípio de repugnância pela proparoxitonidade, as

variedades da língua em questão preferem violar o primeiro. Isso fica bem claro também nos exemplos de (19). Em ambos, nota-se que se sacrificou uma sílaba CV, criando-se uma sílaba com coda e, o que é pior, uma coda que o português padrão não admite. Tudo isso para resgatar a palavra da proparoxitonidade, e trazê-la de volta ao padrão acentual preferido da língua, a paroxitonidade.

Observações finais

As tendências comentadas acima têm comprovação estatística, como a que fez Yara Duarte. Levando em consideração apenas os substantivos e adjetivos que se encontram no *Dicionário escolar do MEC-FENAME*, 1969, 6ª ed.), Duarte (1977) chegou aos resultados que se vêem em (21).

(21)

<u>Tonicidade</u>	<u>Quantidade</u>	<u>Porcentagem</u>
(a) paroxítonos	39.146	67,4%
(b) oxítonos	11.225	19,3%
(c) proparoxítonos	7.629	13,1 %

Estatísticas feitas por mim mesmo, juntamente com duas colegas, levaram a resultados semelhantes, como se pode ver em Couto (1997a, p. 139-150). De modo que podemos afirmar que, em números redondos, em português a porcentagem de paroxítonos, oxítonos e proparoxítonos é aproximadamente a de (22).

(22)

(a) paroxítonos	70%
(b) oxítonos	30%
(c) proparoxítonos	10%

A estatística em si não seria nada. Sua importância está no fato de já apontar para a importância, a vitalidade e a produtividade de cada padrão na língua portuguesa. Quer dizer, em princípio é legítimo postular que quanto mais determinado

fenômeno ocorre em uma língua, mais produtivo ele pode ser. Aliás, a tendência de (22) é tão forte que se manifesta até mesmo no grupo "verbo + pronome oblíquo átono", como demonstrou pesquisa realizada por mim (COUTO, 1997a. p. 147). O padrão acentual dessas seqüências está representado em (23).

(23)	
(a) paroxítonos	66%
(b) oxítonos	23%
(c) proparoxítonos	11%

Como se vê, a tendência é exatamente a mesma de (21) e (22). Por outras palavras, a tendência acentual é tão forte que chega a afetar tudo que seja sentido como palavra, no caso, até mesmo o vocábulo fonológico. Diga-se entre parênteses que é justamente essa tendência que justifica a preferência pela próclise no português brasileiro.

Em síntese, os padrões acentuais paroxitonidade e oxitonidade têm sua forma ótima, não-marcada e uma ou forma marcada. Em (24) temos a paroxitonidade.

- (24) Paroxitonidade
- (a) Opção não-marcada: última sílaba leve (padrão mais geral)
 - (b) Opção marcada: última sílaba pesada (4)

Para a oxitonidade, temos a situação inversa, no que tange às opções não-marcada e marcada.

- (25) Oxitonidade
- (a) Opção não-marcada: última sílaba pesada (2b)
 - (b) Opção marcada: última sílaba leve (6)

No que tange aos proparoxítonos, só se pode formular uma regra de valor negativo, como a de (8).

Portanto, os padrões acentuais do português vão desde o não-marcado (paroxitonidade), passando pela segunda opção de não-marcado (oxitonidade), até chegar ao mais marcado (proparoxitonidade).

Referências bibliográficas

- BISOL, Leda. O acento e o pé binário. *Letras de hoje* (Porto Alegre), p. 98.7-24, 1994.
- COUTO, Hildo Honório do. *Fonologia e fonologia do português*. Brasília: Thesaurus Editora, 1997a.
- _____. Stress placement and optimal syllable structure in a rural dialect of Brazilian Portuguese. Manuscrito inédito e incompleto, 1997b.
- DUARTE, Yara. 1977. *As regras de atribuição do acento primário em língua portuguesa*. Universidade de Brasília, dissertação de mestrado. Brasília, 1977.
- SILVA, Thaïs Cristófaro. A interpretação de glides intervocálicos no português. *Letras de hoje* (Porto Alegre) 31,2, p. 169-176, 1996.